REVISTA GOIANA DE MEDICINA

ISSN 0034-9585
ARTIGO CIENTÍFICO - ORIGINAL

A INFLUÊNCIA DO LETRAMENTO DIGITAL EM SAÚDE NA ADESÃO AO TRATAMENTO DE PACIENTES COM DIABETES MELLITUS: EVIDÊNCIAS DE UM MUTIRÃO EM GOIÂNIA

THE INFLUENCE OF DIGITAL HEALTH LITERACY ON TREATMENT ADHERENCE AMONG PATIENTS WITH DIABETES MELLITUS: EVIDENCE FROM A HEALTH OUTREACH EVENT IN GOIÂNIA

JOÃO CARLOS VELOSO DE SOUZA[1], MONIKE LOURENÇO DIAS RODRIGUES[2]

1. Graduando(a) em Medicina Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, Brasil.
2. Docente Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, Brasil.

RESUMO

O diabetes mellitus (DM) é uma das doenças crônicas de maior impacto na saúde pública mundial, exigindo acompanhamento contínuo e participação ativa do paciente no autocuidado. Nesse contexto, o letramento digital em saúde tornou-se uma competência essencial para a busca, compreensão e utilização de informações disponíveis em ambientes digitais, podendo influenciar positivamente a adesão ao tratamento e a tomada de decisões relacionadas à saúde. O presente estudo teve como objetivo avaliar o perfil de letramento digital em saúde de pessoas com diabetes mellitus participantes do mutirão "Goiás Unido Contra o Diabetes", realizado em Goiânia (GO), em 2025. Trata-se de um estudo observacional, transversal e descritivo, conduzido com 65 indivíduos com diagnóstico autorreferido de diabetes mellitus. Os dados foram coletados por meio de entrevistas presenciais e analisados por estatística descritiva. Observou-se que 78,5% dos participantes utilizavam smartphones para acessar a internet e 55,4% buscavam informações relacionadas à saúde em meios digitais. Entre aqueles que realizavam pesquisas online, o WhatsApp destacou-se como a ferramenta mais utilizada (83,3%), enquanto o Google foi a principal fonte de informação em saúde (66,7%). Além disso, 58,3% relataram já ter recebido notícias falsas relacionadas à saúde, e 47,2% afirmaram utilizar informações provenientes de profissionais de saúde ou fontes reconhecidas como principal critério de confiabilidade. Conclui-se que, embora o acesso às tecnologias digitais seja amplamente difundido entre os participantes, persistem desafios relacionados à avaliação crítica das informações encontradas na internet, evidenciando a necessidade de ações educativas voltadas ao fortalecimento do letramento digital em saúde e à promoção do autocuidado em pessoas com diabetes mellitus.

Palavras-chave: Adesão ao tratamento, Diabetes mellitus, Educação em saúde, Letramento digital em saúde, Tecnologias digitais.

ABSTRACT

Diabetes mellitus (DM) is one of the chronic diseases with the greatest impact on global public health, requiring continuous follow-up and active patient participation in self-care. In this context, digital health literacy has become an essential skill for seeking, understanding, and using health information available in digital environments, potentially influencing treatment adherence and health-related decision-making. This study aimed to evaluate the digital health literacy profile of individuals with diabetes mellitus who participated in the "Goiás United Against Diabetes" health campaign, held in Goiânia, Goiás, Brazil, in 2025. This was an observational, cross-sectional, and descriptive study involving 65 individuals with self-reported diabetes mellitus. Data were collected through face-to-face interviews and analyzed using descriptive statistics. It was observed that 78.5% of participants used smartphones to access the internet, and 55.4% searched for health-related information online. Among those who sought information on the internet, WhatsApp was the most frequently used digital tool (83.3%), while Google was the main source of health information (66.7%). Furthermore, 58.3% reported having received health-related fake news, and 47.2% stated that information provided by healthcare professionals or recognized sources was their primary criterion for assessing reliability. In conclusion, although access to digital technologies is widespread among participants, challenges remain regarding the critical evaluation of online health information, highlighting the need for educational initiatives aimed at strengthening digital health literacy and promoting self-care among individuals with diabetes mellitus.

Keywords: **Diabetes mellitus, Digital health literacy, Digital technologies, Treatment Adherence.**

INTRODUÇÃO

O diabetes mellitus (DM) constitui um dos maiores desafios contemporâneos para os sistemas de saúde em todo o mundo. Caracterizado por alterações metabólicas decorrentes de defeitos na secreção ou na ação da insulina, está associado a importantes complicações microvasculares e macrovasculares, incluindo retinopatia, nefropatia, neuropatia e acidente vascular cerebral. Além do impacto clínico, a doença representa importante carga econômica e social, exigindo acompanhamento contínuo, monitorização frequente e participação ativa do paciente em seu tratamento.[1,2]

Segundo a International Diabetes Federation (IDF), aproximadamente 537 milhões de adultos viviam com diabetes em 2021, com projeções que indicam crescimento contínuo nas próximas décadas. No Brasil, o diabetes está entre as doenças crônicas não transmissíveis de maior prevalência, sendo responsável por significativa morbimortalidade e elevados custos assistenciais. Nesse contexto, estratégias voltadas à educação em saúde desempenham papel fundamental na promoção do autocuidado, no controle metabólico e na prevenção de complicações relacionadas à doença.[1,2]

Nas últimas décadas, a rápida expansão das tecnologias digitais transformou a forma como informações em saúde são produzidas, compartilhadas e consumidas pela população. A internet passou a representar uma das principais fontes de consulta para indivíduos que buscam compreender sintomas, tratamentos, hábitos de vida saudáveis e formas de prevenção de doenças. Ferramentas como mecanismos de busca, redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas e plataformas de vídeo ampliaram significativamente o acesso à informação, possibilitando que usuários obtenham conteúdos relacionados à saúde de maneira rápida e acessível.[3]

Entretanto, o simples acesso às tecnologias digitais não garante a capacidade de compreender adequadamente as informações disponíveis. Nesse contexto, destaca-se o conceito de letramento digital em saúde (digital health literacy ou eHealth literacy), definido como a capacidade de buscar, localizar, compreender, avaliar criticamente e utilizar informações obtidas por meios eletrônicos para resolver problemas relacionados à saúde.[4] Esse conceito envolve não apenas competências tecnológicas, mas

também habilidades cognitivas necessárias para interpretar conteúdos, reconhecer fontes confiáveis e tomar decisões informadas sobre o próprio cuidado.[4,5]

A literatura demonstra que níveis adequados de letramento em saúde estão associados a melhores desfechos clínicos, maior adesão ao tratamento e maior capacidade de autogerenciamento de doenças crônicas. Da mesma forma, o letramento digital em saúde tem sido apontado como um fator relevante para o fortalecimento do autocuidado e para a utilização mais eficiente dos recursos tecnológicos disponíveis.[6,7]

A relevância do letramento digital em saúde tornou-se ainda maior diante do crescimento da circulação de desinformação em ambientes virtuais. O fenômeno das fake news tem sido amplamente discutido na literatura científica devido ao seu potencial de influenciar comportamentos de saúde, comprometer a adesão terapêutica e estimular práticas sem respaldo científico[8]. A facilidade de compartilhamento de conteúdos em redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas favorece a rápida disseminação de informações incorretas, exigindo dos usuários competências cada vez mais desenvolvidas para avaliar criticamente a qualidade das informações consumidas.[9]

No caso específico das pessoas com diabetes mellitus, o letramento digital em saúde assume importância ainda maior. O manejo adequado da doença depende de múltiplos comportamentos de autocuidado, incluindo monitorização glicêmica, adesão medicamentosa, alimentação saudável, prática regular de atividade física e acompanhamento periódico com profissionais de saúde.[1,2] Nesse cenário, recursos digitais podem funcionar como importantes instrumentos de apoio ao tratamento, desde que utilizados de maneira segura, crítica e baseada em evidências científicas.

Além disso, estudos demonstram que indivíduos mais velhos frequentemente apresentam maiores dificuldades na navegação em ambientes digitais, na identificação de fontes confiáveis e na interpretação de conteúdos relacionados à saúde, o que pode representar um desafio adicional para populações acometidas por doenças crônicas.[10] Considerando que o diabetes mellitus apresenta elevada prevalência em faixas etárias mais avançadas, compreender como esses indivíduos acessam, utilizam e avaliam informações em saúde torna-se fundamental para o planejamento de estratégias educativas mais efetivas.

Diante desse contexto, torna-se necessário compreender como pessoas com diabetes mellitus utilizam os recursos digitais disponíveis e de que maneira essas ferramentas influenciam seus comportamentos relacionados ao cuidado em saúde. O conhecimento do perfil de letramento digital dessa população pode subsidiar a elaboração de intervenções educativas mais acessíveis e alinhadas às necessidades dos usuários, contribuindo para o fortalecimento do autocuidado, da adesão ao tratamento e da prevenção de complicações associadas à doença.[11]

OBJETIVOS

Dessa forma, este estudo tem como objetivo avaliar o perfil de letramento digital em saúde de pessoas com diabetes mellitus que participaram do mutirão "Goiás Unido Contra o Diabetes", realizado na cidade de Goiânia, Goiás, em 2025. Busca-se identificar os principais meios de acesso à internet utilizados pelos participantes, avaliar a frequência da busca por informações em saúde em ambientes digitais, investigar a exposição a notícias falsas (fake news) relacionadas à saúde e analisar os critérios adotados pelos participantes para verificar a confiabilidade das informações encontradas na internet.

MÉTODOS

O Trata-se de um estudo observacional, transversal e descritivo, realizado durante o mutirão Goiás Unido Contra o Diabetes, promovido pela Secretaria de Estado da Saúde de Goiás, em

novembro de 2025. A ação teve como foco principal a detecção precoce de retinopatia diabética e o acompanhamento de pessoas com diabetes mellitus.

A população do estudo foi composta por indivíduos com diagnóstico autorreferido de diabetes mellitus que participaram da campanha e aceitaram responder ao questionário proposto. Foram incluídos participantes maiores de 18 anos, independentemente do tipo de diabetes, desde que concordassem voluntariamente com a participação na pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário em entrevistas presenciais conduzidas por universitários capacitados. As respostas foram registradas eletronicamente utilizando a plataforma Google Forms. O instrumento de coleta continha questões relacionadas ao perfil sociodemográfico dos participantes, acesso à internet, utilização de smartphones, busca por informações de saúde em meios digitais, plataformas utilizadas, exposição a informações falsas e critérios adotados para avaliar a confiabilidade dos conteúdos encontrados.

As variáveis analisadas incluíram sexo, idade, tipo de diabetes mellitus, utilização de smartphone para acesso à internet, hábito de buscar informações de saúde online, plataformas digitais utilizadas, impacto percebido das informações obtidas, exposição a fake news e mecanismos empregados para verificação da confiabilidade das informações.

Os dados foram submetidos à análise descritiva, sendo apresentados por meio de frequências absolutas, frequências relativas, médias e intervalos de variação. Os resultados foram organizados em tabelas e gráficos para facilitar a interpretação dos achados.

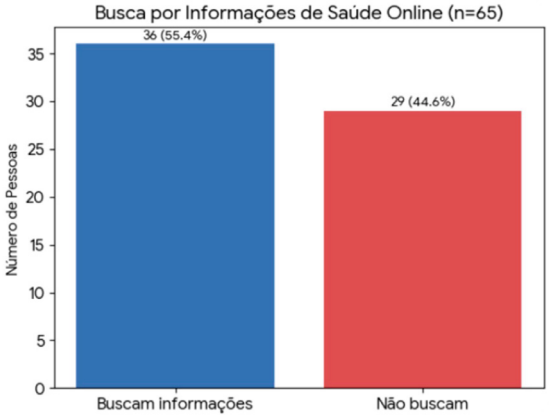
O estudo faz parte de projeto previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 40722720.6.0000.5078, respeitando os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

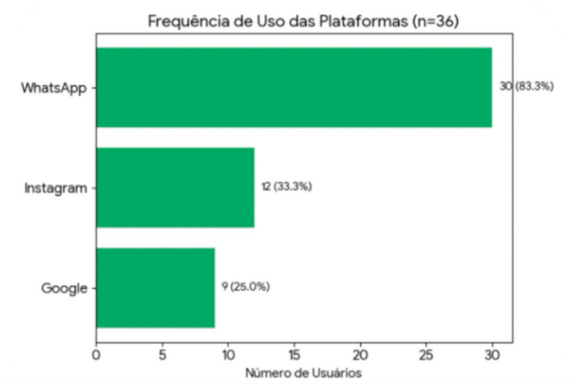
65 indivíduos com diabetes mellitus foram entrevistados,e a distribuição entre os sexos foi equilibrada, com 33 homens (50,8%) e 32 mulheres (49,2%). A média de idade observada foi de 60 anos, variando de 21 a 89 anos. Em relação ao diagnóstico, predominou o diabetes mellitus tipo 2, presente em 75,4% da amostra (n=49). Apenas dois participantes (3,1%) relataram diabetes mellitus tipo 1, enquanto 21,5% (n=14) desconheciam a classificação da própria doença.

A análise do acesso às ferramentas digitais demonstrou ampla utilização de dispositivos móveis. Entre os entrevistados, 51 (78,5%) utilizavam smartphones para acessar a internet, ao passo que 14 (21,5%) não faziam uso desse recurso. Esses dados sugerem elevada inserção das tecnologias digitais no cotidiano da população estudada.

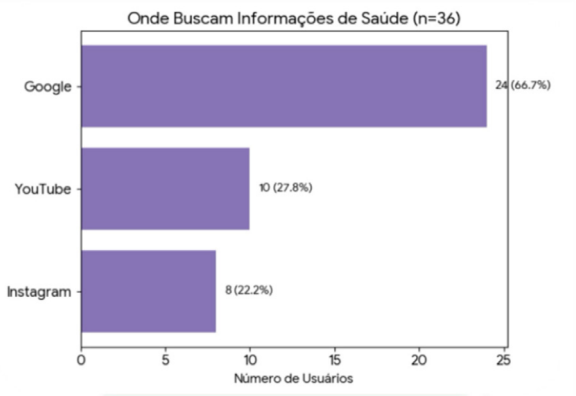
Mais da metade dos participantes (55,4%; n=36) informou utilizar a internet para pesquisar temas relacionados à saúde. Os demais (44,6%; n=29) afirmaram não recorrer aos meios digitais para esse fim.



Entre aqueles que realizavam pesquisas online, o WhatsApp foi a ferramenta digital mais mencionada, sendo utilizado por 83,3% dos respondentes (n=30). O Instagram apareceu em seguida, citado por 33,3% (n=12), enquanto o Google foi mencionado por 25% (n=9).



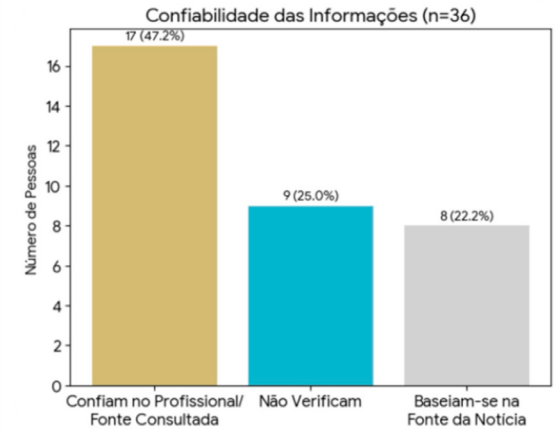
Quando questionados especificamente sobre as fontes consultadas para obtenção de conteúdos relacionados à saúde, observou-se predominância do Google, utilizado por 66,7% dos participantes (n=24). O YouTube foi referido por 27,8% (n=10), seguido pelo Instagram, mencionado por 22,2% (n=8).



A maioria dos entrevistados (66,7%; n=24) avaliou que as informações encontradas na internet contribuíam para o cuidado com a própria saúde. Além disso, 16,7% (n=6) relataram que os conteúdos acessados influenciaram a decisão de procurar atendimento ou orientação profissional.

Mais da metade dos participantes que buscavam informações em saúde pela internet (58,3%; n=21) relatou já ter recebido notícias falsas relacionadas ao tema. Apesar disso, três quartos dos entrevistados afirmaram não compartilhar conteúdos apenas com base nos títulos das notícias, indicando uma postura relativamente cautelosa diante das informações recebidas.

No que se refere à avaliação da confiabilidade das informações, quase metade dos participantes (47,2%; n=17) relatou confiar preferencialmente em conteúdos produzidos por profissionais de saúde ou provenientes de fontes reconhecidas. Outros 22,2% (n=8) utilizavam a origem da notícia como principal critério de verificação. Por outro lado, 25% (n=9) declararam não adotar qualquer estratégia para avaliar a credibilidade das informações acessadas.



Os resultados demonstram que o acesso às tecnologias digitais está amplamente presente entre os participantes do mutirão, uma vez que aproximadamente quatro em cada cinco entrevistados relataram utilizar smartphones para acesso à internet. Esse achado acompanha a tendência observada no Brasil nas últimas décadas, marcada pela expansão do acesso à internet por dispositivos móveis, inclusive entre populações mais envelhecidas e portadoras de doenças crônicas.[3]

Apesar da elevada disponibilidade de acesso às tecnologias digitais, observou-se que apenas 55,4% dos participantes relataram buscar informações relacionadas à saúde por meio da internet. Esse resultado sugere que a presença de recursos tecnológicos não necessariamente se traduz na utilização efetiva desses recursos para fins educativos ou de promoção da saúde. Tal achado reforça a distinção entre acesso digital e letramento digital em saúde, uma vez que possuir um smartphone ou conexão à internet não garante a capacidade de localizar, interpretar e utilizar adequadamente informações relacionadas ao cuidado em saúde.[4]

Norman e Skinner, ao proporem o conceito de eHealth Literacy, destacaram que o uso eficiente das informações digitais em saúde depende da integração de múltiplas competências, incluindo habilidades de leitura, alfabetização em saúde, alfabetização científica, alfabetização midiática e domínio tecnológico.[4] Dessa forma, indivíduos podem apresentar amplo acesso às tecnologias digitais, mas ainda possuir limitações importantes no manuseio e na interpretação crítica dos conteúdos disponíveis.[4,5]

A idade média da amostra, próxima de 60 anos, merece consideração. Estudos prévios demonstram que indivíduos mais velhos frequentemente apresentam maior dificuldade na identificação de fontes confiáveis, na interpretação de conteúdos digitais e na navegação por plataformas eletrônicas.[10]

Outro aspecto relevante identificado neste estudo foi a predominância do WhatsApp como ferramenta digital mais utilizada entre os participantes que buscam informações relacionadas à saúde. Esse resultado é coerente com pesquisas nacionais que demonstram o papel central dos aplicativos de mensagens instantâneas na comunicação cotidiana dos brasileiros[3]. O WhatsApp tornou-se uma importante via de compartilhamento de conteúdos relacionados à saúde devido à facilidade de acesso, rapidez na disseminação de informações e ampla utilização entre diferentes faixas etárias. Entretanto, a utilização predominante de aplicativos de mensagens pode representar um desafio para a qualidade da informação consumida pelos pacientes, favorecendo a circulação de notícias falsas ou sem respaldo científico.[8]

Entre as fontes utilizadas para obtenção de informações em saúde, o Google foi a plataforma mais citada pelos participantes. A facilidade de acesso e a rapidez na obtenção de respostas tornam essas ferramentas atrativas para usuários que buscam esclarecimentos sobre sintomas, tratamentos ou hábitos de vida saudáveis. No entanto, a qualidade das informações encontradas depende da capacidade do usuário de avaliar criticamente as fontes consultadas.

Um dos resultados mais relevantes do presente estudo refere-se à elevada frequência de exposição à desinformação. Mais da metade dos participantes relatou já ter recebido notícias falsas relacionadas à saúde. Esse achado reforça a preocupação crescente da comunidade científica com o fenômeno da infodemia, caracterizado pela circulação excessiva de informações verdadeiras e falsas em ambientes digitais.[8]

A desinformação em saúde pode comprometer comportamentos preventivos, reduzir a adesão terapêutica e aumentar a vulnerabilidade da população a práticas potencialmente prejudiciais. Para pessoas com diabetes mellitus, a exposição a informações incorretas pode resultar em mudanças inadequadas no tratamento, interrupção de medicamentos ou adoção de estratégias sem eficácia comprovada.

Embora a frequência de exposição a fake news tenha sido elevada, observou-se que três quartos dos participantes afirmaram não compartilhar conteúdos apenas com base no título da notícia. Esse resultado pode indicar a presença de comportamentos de cautela diante das informações recebidas, funcionando como fator protetor contra a disseminação da desinformação. Ainda assim, a simples não disseminação não garante que o conteúdo não influencie crenças ou decisões relacionadas à saúde.

Outro achado importante refere-se aos critérios utilizados para avaliação da confiabilidade das informações. Aproximadamente metade dos participantes afirmou confiar em conteúdos provenientes de profissionais de saúde ou fontes previamente reconhecidas. Esse resultado é positivo, uma vez que demonstra valorização da autoridade técnica e científica como parâmetro para validação das informações. Por outro lado, um quarto dos participantes declarou não realizar qualquer tipo de verificação da confiabilidade dos conteúdos acessados. Esse dado evidencia importante vulnerabilidade relacionada ao letramento digital em saúde e sugere a necessidade de intervenções educativas direcionadas ao desenvolvimento de habilidades críticas para avaliação de informações online.[4]

Entre as limitações, destaca-se a utilização de uma amostra de conveniência composta por participantes de um único mutirão de saúde, o que pode limitar a generalização dos resultados para outras populações.

CONCLUSÃO

Os resultados evidenciaram que a Inteligência Artificial, através do Aprendizado de Máquina, apresenta um desempenho promissor na predição do risco de suicidio, pois é capaz de prever

comportamentos suicidas futuros e promover o apoio e a intervenção precocemente.[2] Nesse contexto, o uso da Inteligência Artificial com esse objetivo alcançou níveis de acurácia superiores a 90% e pode superar os modelos de previsão tradicionais, pois estes são baseados em avaliações subjetivas, que podem variar a depender da experiência prévia do profissional.[2] Contudo, os autores ressaltaram que essa tecnologia não deve substituir os métodos tradicionais, mas sim atuar como uma ferramenta complementar para aprimorar a percepção dos comportamentos suicidas na prática clínica.[2]

Nessa perspectiva, apesar das taxas consideráveis de acurácia global apresentadas pelos estudos selecionados, a literatura indica um paradoxo existente entre a previsão estatística e a utilidade clínica dessas ferramentas. Conforme demonstrado através das simulações, embora muitos modelos de IA apresentem uma precisão global acima de 0,8, a utilidade prática para medir a mortalidade por suicídio mostrou-se quase nula.[8] Nesse viés, o Valor Preditivo Positivo (VPP) dessas tecnologias marcou cerca de 0,01 na maioria dos testes, representando altas taxas de falsos positivos.[9] Esse fenômeno revela uma consequência da baixa taxa de mortalidade por suícidio na população em geral.

Nesse contexto, a abordagem metodológica predominante na construção dos algoritmos da IA foi o aprendizado supervisionado, com ênfase para a aplicação de Florestas Aleatórias e de Vetores de Suporte (SVM).[6] Assim, os Registros Médicos Eletrônicos (RME) foram apontados como a principal fonte para alimentar esses sistemas.[6] Além disso, observou-se o uso do Processamento de Linguagem Natural (PLN), uma ferramenta que consegue detectar tendências e comportamentos suicidas através da análise de textos, comentários e interações dos usuários em redes sociais.[2] Também, algumas pesquisas usaram a técnica de Detecção Textual de Emoções baseadas em PNL, que analisa textos dos usuários e identifica indivíduos com risco de suicidio.[2] A plataforma Reddit, por exemplo, permite postagens anônimas pelos usuários e promove um ambiente virtual propício para que eles expressem as suas dificuldades e os seus problemas emocionais. Com isso, a IA pode fomentar, precocemente, a identificação de sinais de ideação suicida através de mudanças discretas no uso da linguagem, propiciando a assistência a esses indivíduos, quando necessário.

É importante destacar que um estudo realizado com Chatbots que promovem um relacionamento personalizado com os usuários, detectou 44% dos pensamentos suicidas e, nesses casos, 88% dessas plataformas encaminharam os usuários para serviços de atendimento a crises.[8] Ao proporcionar um ambiente acolhedor e livre de julgamentos, esses chats fornecem oportunidades para que o indivíduo expresse livremente as suas emoções. Assim, por meio das interações com os seus usuários, a IA consegue sinalizar problemas na saúde mental, além de transtornos de humor e ideações suicidas. Nesses casos, após detectar essas mudanças, ela serve como uma ferramenta fundamental para orientar o usuário na busca por um atendimento profissional adequado.

A técnica de Aprendizado de Máquina, apesar de apresentar limitações em prever a mortalidade exata por suicídio, demonstra uma maior funcionalidade ao evidenciar as tentativas de suicídio, revelando uma importante dinâmica temporal na evolução do risco.[6] Nessa ótica, estudos ilustram que a relevância dos fatores preditivos sofre mudanças à medida que a tentativa se torna mais iminente.[7] Através de análise ampla, de meses ou anos antes do ocorrido, fatores como histórico de utilização hospitalar e diagnósticos psiquiátricos (como depressão e esquizofrenia) são determinantes. Porém, em recortes temporais mais curtos, diagnósticos de dependência de substâncias ganham um maior peso preditivo.[7] Assim, embora o algoritmo identifique os indivíduos com risco de suicídio a longo prazo, ele não possui a sensibilidade necessária para determinar o risco de suicídio iminente. Nesse sentido, em razão dessa falha, os profissionais da saúde não podem fundamentar a predição de suicídio

apenas na IA. Portanto, a tecnologia não substitui o conhecimento e a experiência desse profissional na identificação de sinais ou sintomas durante a prática médica.

Por meio da análise de subgrupos demográficos, os estudos evidenciaram que a adolescência é vista como um período de alta vulnerabilidade, exigindo o uso de ferramentas de predição alimentadas pela análise de comportamentos específicos desse grupo.[6] Nesse sentido, a gravidade dos sintomas depressivos configura-se como o preditor de mais forte relevância para os comportamentos suicidas.6 Além disso, outros fatores como o abuso de drogas e os elevados níveis de estresse acadêmico constituem importantes variáveis preditivas para alimentar os algoritmos.[6] Notavelmente, a literatura demonstra que experiências prolongadas de bullying, tanto físico quanto cibernético, afeta gravemente a saúde mental dos adolescentes, ampliando o sofrimento psicológico e o isolamento, elementos que contribuem para o desenvolvimento de ideações futuras.[6] Contudo, é fundamental ressaltar que a eficácia da IA na identificação precoce não eliminam o papel ativo da sociedade. Nesse contexto, a família e a comunidade escolar exercem uma função imprescindível no acolhimento do jovem, sendo importantes na mediação e no combate a estressores como o bullying, com o objetivo de promover um ambiente de suporte capaz de prevenir a progressão do comportamento suicida.

Além dos fatores clínicos, a precisão da Inteligência Artificial na predição do suicído em adolescentes está relacionada à sua capacidade de se ajustar a diferenças individuais e socioculturais dos usuários. Nesse sentido, com a aplicação dessas ferramentas constatou-se que as meninas apresentam taxas de detecção de ideação e tentativas duas vezes maiores, enquanto os meninos registram maior letalidade em decorrência da escolha de métodos agressivos.[6] Ademais, a diversidade cultural impacta a capacidade de generalização dos modelos preditivos, uma vez que a relevância de fatores como a relação familiar pode diferir conforme o contexto social. Portanto, os modelos de IA possuem chances de erro, caso não sejam ajustados para considerar os cenários sociais diversos e as dinâmicas familiares específicas de cada indivíduo.

Apesar do excelente potencial preditivo de suicídio promovido pela Inteligencia Atificial, o uso experimental dessa tecnologia durante a pratica médica possui limitações metodológicas na literatura atual. A maioria dos estudos baseiam-se em desenhos transversais e retrospectivos, o que torna as conclusões suscetíveis ao viés de memória e de seleção. Além disso, é importante destacar que existe uma falha referente à codificação em prontuários eletrônicos, pois apenas uma pequena fração das tentativas de suicídio recebe o CID adequado, impossibilitando o treinamento de algoritimos baseados apenas nesse dado.6 Somado a esse cenário, a ausência de validação externa também limita o uso dessas ferramentas, uma vez que poucos estudos testaram seus modelos fora do conjunto de dados originais.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: diabetes mellitus. Brasília: Ministério da Saúde; 2013.

2. Sociedade Brasileira de Diabetes. Diretrizes da Sociedade Brasileira de Diabetes 2024–2025. São Paulo: Clannad; 2024.

3. Menezes AHN, Silva MA, Cardoso AL. Uso da internet para busca de informações em saúde: revisão integrativa da literatura. Saúde Debate. 2021;45(130):1062-75.

4. Norman CD, Skinner HA. eHealth literacy: essential skills for consumer health in a networked world. J Med Internet Res. 2006;8(2):e9.

5. Norman CD, Skinner HA. eHEALS: the eHealth Literacy Scale. J Med Internet Res. 2006;8(4):e27.

6. Lima-Pereira P, Bermeo P, Cavaco A. Health literacy and chronic disease management: a systematic review. Int J Public Health. 2022;67:1604322.

7. Van der Vaart R, Dijkstra A, Tieleman M. The role of digital health literacy in chronic disease self-management. Patient Educ Couns. 2023;106(1):23-31.

8. Paixão MC, Silva RM. A influência das mídias digitais no comportamento em saúde de pacientes com doenças crônicas. Ciênc Saúde Coletiva. 2023;28(3):741-50.

9. Mackert M, Chambers K, Donovan E. Health literacy and health information technology adoption. J Health Commun. 2016;21(2):174-81.

10. Park H, Lee E. Self-reported eHealth literacy among older adults: a systematic review. J Med Internet Res. 2015;17(4):e85.

11. Amante LN, Kempfer SS, Silva DMGV. Educação em saúde e tecnologias digitais: desafios e perspectivas para o cuidado de pessoas com doenças crônicas. Rev Bras Enferm. 2021;74(5):e20200892.

ENDEREÇO CORRESPONDÊNCIA

KALEBE DIAS DA SILVA
Rua 226, Quadra 72A, Lote 19, Setor Leste Universitário, Goiânia/GO, Brasil.
E-mail: joao.veloso2@discente.ufg.br

EDITORIA E REVISÃO

Editores chefes:
Waldemar Naves do Amaral - http://lattes.cnpq.br/4092560599116579 - https://orcid.org/0000-0002-0824-1138
Nílzio Antônio da Silva - http://lattes.cnpq.br/1780564621664455 - https://orcid.org/0000-0002-6133-0498

Autores:
João Carlos Veloso de Souza - http://lattes.cnpq.br/9439591955162994 - https://orcid.org/0009-0001-4110-5250

Monike Lourenço Dias Rodrigues - http://lattes.cnpq.br/5200484417990513 - https://orcid.org/0000-0003-3879-7185

Revisão Bibliotecária: Izabella Goulart
Revisão Ortográfica: Dario Alvares
Tradução: Soledad Montalbetti Magri
Recebido: 24/08/26. Aceito: 27/08/26. Publicado em: 11/11/2026.